

SAÚDE MENTAL DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA: FATORES DE ADOECIMENTO E IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Daniele Maquine Rodrigues¹; Erica Lamara Gomes Alves Grigorio²

¹ Mestra em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT/IFRR), Boa Vista - RR, Brasil

² Doutoranda em Ciência da Educação na Área de Matemática, Centro Internacional de Pesquisas Integralize, CNPJ:32.682.373/0001-86, Itaporanga-PB, Brasil. <https://orcid.org/0009-0005-8137-7487>.

Introdução

A profissão docente, historicamente alicerçada em propósitos sociais de formação humana, vivencia uma profunda crise estrutural impulsionada pela intensificação e precarização das condições laborais na educação básica. Segundo Farias e Wagner (2024), a implementação de sucessivas reformas educacionais sob uma ótica mercadológica tem agravado sistematicamente a rotina dos profissionais, exigindo múltiplas competências sem a devida contrapartida de suporte institucional ou valorização financeira. Observa-se que essa dinâmica de acúmulo de funções afasta o educador de sua essência pedagógica, transformando o espaço escolar em um ambiente inóspito que desencadeia um processo progressivo de exaustão física e mental.

Essa transformação no perfil das exigências profissionais encontra amparo nas diretrizes governamentais recentes, as quais frequentemente negligenciam o bem-estar ocupacional em prol do estrito cumprimento de metas quantitativas. Conforme apontam Chagas, Pereira e Yaegashi (2025), as políticas educacionais adotadas no Brasil afetam diretamente a organização do trabalho docente e a vida pessoal dos professores, impondo pressões externas oriundas de interesses corporativos que demandam uma forte resistência subjetiva diária. Nota-se, portanto, que a ausência de políticas públicas voltadas para a proteção psicossocial fragiliza a categoria, transferindo para o indivíduo o ônus de suportar contradições sistêmicas que inevitavelmente culminam no adoecimento.

Diante dessa conjuntura de vulnerabilidade, os impactos na saúde mental dos educadores manifestam-se de forma alarmante, traduzindo-se em quadros contínuos de ansiedade, depressão e despersonalização. De acordo com Silva et al. (2023), o sofrimento psíquico do professor consolida-se de maneira profunda quando o exercício laboral é desprovido de significação e não recebe o devido reconhecimento da comunidade, tornando a prática diária uma ameaça contínua à integridade psíquica do trabalhador. Tal perspectiva evidencia que o colapso emocional não constitui um fenômeno isolado, mas sim a resposta orgânica e inevitável a um cenário em que a dignidade profissional é constantemente solapada por exigências desproporcionais e pela falta de amparo estrutural.

A compreensão aprofundada das raízes desse fenômeno requer uma análise minuciosa dos fatores estressores ambientais e de suas repercussões diretas no processo qualitativo de ensino. Segundo Diehl e Marin (2024), a literatura científica contemporânea atesta a urgência de mapear sistematicamente as variáveis sociolaborais que levam ao adoecimento mental em professores brasileiros, visando subsidiar a formulação de estratégias preventivas e de intervenção eficazes no contexto escolar moderno. Compreende-se que, ao delinear com precisão e base científica as causas desse esgotamento sistêmico, torna-se viável desconstruir a

naturalização do sofrimento docente e fomentar debates que priorizem a saúde ocupacional como pilar indispensável para o verdadeiro sucesso educacional.

Com base nessas premissas, a formulação de um estudo acadêmico rigoroso sobre as reais condições de trabalho e o estado de saúde da classe docente apresenta-se como uma necessidade premente no campo investigativo das ciências educacionais. Conforme salientam Penteado e Souza Neto (2024), a investigação clínica e social do mal-estar e do sofrimento do professor demanda a análise crítica das narrativas inerentes à própria cultura docente, permitindo compreender a docência em sua complexidade como profissão submetida a constantes tensionamentos políticos e institucionais. Diante do exposto, esta pesquisa tem como objetivo central analisar os principais fatores associados ao adoecimento mental de professores da educação básica, discutindo profundamente suas consequências sistêmicas para a atuação pedagógica em sala de aula.

Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão sistemática da literatura com abordagem qualitativa e quantitativa do escopo selecionado. Conforme Souza, Carballo e Lucca (2023), o estabelecimento de parâmetros metodológicos estritos para a seleção de estudos em plataformas de dados científicas é uma etapa indispensável para assegurar a confiabilidade das conclusões acerca da saúde do trabalhador. Mediante tais critérios, a busca foi conduzida de forma metódica nas bases de dados SciELO e PePSIC, resultando na triagem e análise rigorosa de doze artigos científicos publicados entre os anos de 2020 e 2025, os quais abordam detalhadamente os estressores psicossociais nas escolas brasileiras.

Resultados e discussão

Os achados apontam que as condições precárias e a elevada carga de trabalho são os determinantes centrais para a falência da saúde psíquica nas escolas. Segundo Medeiros e Carlotto (2025), jornadas laborais exaustivas combinadas com a privação de momentos de descanso, ambientes institucionais conflituosos e a cobrança ininterrupta por metas configuram os gatilhos primários para o desenvolvimento do esgotamento profissional entre os professores no Brasil, acarretando danos severos à integridade física e emocional. Essa constatação evidencia que a exaustão atua como um sintoma direto da desestruturação do ambiente laboral, exigindo não apenas resiliência individual, mas também uma reformulação completa das políticas de apoio institucional ao corpo docente.

A violência no ambiente escolar e as constantes pressões burocráticas também agravam drasticamente as implicações na prática pedagógica diária. Conforme Reis et al. (2020), a vivência constante em contextos marcados pela indisciplina e pela falta de respeito nas instituições de ensino funciona como um estressor crônico, sendo responsável por vulnerabilizar significativamente a estrutura emocional e psíquica dos educadores. Torna-se evidente que profissionais esgotados perdem a vitalidade criativa e tendem a adotar posturas mais reativas ou distanciadas durante as aulas, o que prejudica a interação com os alunos e corrompe o verdadeiro propósito da ação educativa.

Conclusões

O adoecimento mental dos professores na educação básica consolida-se como um fenômeno diretamente ligado à falência das condições organizacionais de trabalho. Segundo Farias e Wagner (2024), os cenários pandêmico e pós-pandêmico funcionaram como catalisadores para as patologias ocupacionais preexistentes, evidenciando a necessidade premente de mudanças estruturais que promovam espaços de atuação mais salubres e receptivos, sendo este um requisito central para o sucesso da aprendizagem. Constata-se que a reversão desse panorama depende impreterivelmente do investimento em políticas públicas efetivas que garantam

remuneração justa, infraestrutura adequada e apoio psicológico contínuo, elementos indispensáveis para a valorização da categoria e fortalecimento do ensino público.

Palavras-chave: Adoecimento Docente; Condições de Trabalho; Prática Pedagógica; Síndrome de Burnout; Revisão Sistemática.

Referências

CHAGAS, Chiara Villa; PEREIRA, Soraya Nunes dos Santos; YAEGASHI, Solange Franci Raimundo. Adoecimento docente e políticas educacionais no Brasil: reflexões a partir de uma revisão sistemática. Revista Brasileira de Iniciação Científica, Itapetininga, v. 12, p. 1-18, 2025. DIEHL, Liciane; MARIN, Angela Helena. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina, v. 15, p. 1-20, 2024.

FARIAS, Beatriz Heitich da Silva; WAGNER, Flávia. Condições de trabalho e adoecimento docente: causas persistentes. SciELO Preprints, São Paulo, p. 1-15, 2024.

PENTEADO, Regina Zanella; SOUZA NETO, Samuel de. Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 33, p. 1-16, 2024.

SILVA, Jocemara Cruz da; et al. Saúde mental, adoecimento e trabalho docente. Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 27, n. 3, e242262, p. 1-10, 2023.

XVI
FRPED